

Ronaldo Rebello de Britto Poletti

REVISTA CONVIVIUM (1962-1993)

**SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A
FILOSOFIA**

Anexo – Adolpho Crippa (1929-2000)

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO
PENSAMENTO BRASILEIRO (CDPB)**

2012

O Convívio – Sociedade Brasileira de Cultura, entidade fundada em São Paulo, em 1961, desenvolveu inúmeras atividades durante o tempo em que funcionou. Manteve uma agência de notícias, a Planalto; um Centro de Estudos de Desenvolvimento, que realizava cursos para universitários e para operários; editou a revista *Política e Estratégia*; e, como editora, trouxe à lume um número significativo de livros; Além dessas atividades, publicou durante mais de trinta anos a revista *Convivium*, dedicada a temas filosóficos, políticos, artísticos e literários.

Com a morte de ADOLPHO CRIPPA (1929-2000),⁽¹⁾ diretor da revista e figura central daquela sociedade cultural, sobretudo após o desaparecimento prematuro de VICENTE FERREIRA DA SILVA (1916-1963), parece oportuno registrar a contribuição daquela publicação para a filosofia, considerando que UBIRATAN BORGES DE MACEDO já escreveu *in memoriam* de CRIPPA,⁽²⁾ e ANTONIO PAIM já providenciara um índice da *Convivium*, no período de 1961-1987, com a publicação de um texto de ADOLPHO CRIPPA a respeito das idéias fundamentais da Convívio-Sociedade.⁽³⁾

Não obstante a Filosofia, o Direito, as Artes, a Política, a Economia, a Psicologia, a Literatura, a História, e Teologia, a Sociologia, que são as áreas em que podem ser classificados os artigos publicados na revista, estarem, à obriedade, imbricados umas nas outras, em uma dialética realeana de implicação e polaridade, a presente comunicação se restringe às matérias próprias ou especialmente filosóficas.

Uma tentativa da divisão em períodos dos trinta e um anos de publicação da *Convivium* seria possível, embora problemática. Possível porque a revista, durante as três décadas de sua existência, variou a sua atenção ou em relação a acontecimentos políticos nacionais (p. ex., antecedentes da revolução de 64 e sua crítica; abertura política; constituinte e revisão constitucional) ou internacionais (conflitos ideológicos entre o cristianismo e o marxismo adotado por uma potência mundial, ou entre esta e as ondas liberais provindas do Ocidente). A pesquisa, assim, poderia tentar estabelecer as relações entre tais acontecimentos e os textos e resenhas de cunho filosófico publicados.

Uma outra maneira de dividir o tempo filosófico da *Convivium* seria relacionar os seus números editados com os documentos da Igreja, notadamente a partir da *Mater et Magistra* (1961).⁽⁴⁾ Os temas das encíclicas estiveram presentes nos trinta e dois anos da *Convivium*, sobretudo se examinarmos, também, o programa editorial e os títulos publicados em consonância com as discussões suscitadas pelos documentos pontifícios, os quais guardam entre si cuidadosa coerência e desdobramento. Como exemplo dessa interação, anote-se que CRIPPA, ainda assinando como DOMINGOS CRIPPA, logo no primeiro número (maio de 1962), escreveu sobre a Doutrina Social da Igreja, analisando a *Mater et Magistra*, trabalho que concluiu no nº 3 (julho/agosto de 1962). Ele escrevera na apresentação que a revista, sem ser

sectária, possuía uma orientação e uma idéia. Em um passo anterior, afirmara a preocupação particular com os problemas nacionais e que o Brasil não é uma realidade surgida espontaneamente, sem ligação nenhuma com um passado plasmador, inserindo-se num conjunto mais amplo e mais grandioso, que é o Ocidente, com todos os seus valores religiosos e culturais, cristãos e pré-cristãos.⁽⁵⁾ No penúltimo ano da revista (1992), no nº 1 (ano XXXI, v. 35), ainda aquela constante: textos de HUBERT LEPARGNEUR sobre o Catecismo da Igreja Católica, de JOÃO BOSCO BATISTA a respeito do aspecto moral de FARIAS BRITO, de JOSÉ ARTHUR RIOS sobre JACKSON DE FIGUEIREDO; e no nº 2 daquele ano, os artigos “A Evangelização da América” (Côn. JOSÉ GERALDO VIDIGAL DE CARVALHO), “O Pensamento como Redenção” (CONSTANÇA MARCONDES CÉSAR) e “A Filosofia Mística de São João da Cruz” (CREUSA CAPALBO).

No tocante ao programa editorial, poder-se-iam identificar os tempos da revista e as rimas entre artigos publicados e os títulos dos livros, como as obras coletivas *As idéias filosóficas no Brasil* (1978), *As Idéias Políticas no Brasil* (1979), *A Filosofia e o Ensino da Filosofia* (1979), o livro de D. ODILÃO MOURA O. S. B., *Idéias Católicas no Brasil* (1978), os próprios trabalhos de CRIPPA, como *O Problema da Universidade* (1966), *Mito e Cultura* (1975), *A Idéia de Cultura* em VICENTE FERREIRA DA SILVA (1984), *Humanismo e Desenvolvimento* (1973), que UBIRATAN MACEDO considera a principal e mais brilhante contribuição teórica daquele autor.⁽⁶⁾

Um aspecto relevante da *Convivium*, do ponto de vista filosófico, foram os seus números especiais, dedicados a JACQUES MARITAIN, TEILLARD DE CHARDIN e VICENTE FERREIRA DA SILVA.

O número dedicado a TEILLARD data de maio de 1965 (ano IV, nº 3, v. 6) e mostra a vocação pluralista da publicação e o seu distanciamento do conservadorismo religioso. Há apenas dez anos o jesuíta, autor de *O fenômeno humano*, havia morrido e ainda eram vivas as advertências do Santo Ofício e as censuras dos teólogos. Os textos recolhidos pela *Convivium* davam ênfase ao cristianismo chardiniano e, de certa forma, refutava as acusações de evolucionismo materialista e de panteísmo colocadas pelos seus críticos. Ao contrário, a revista procurava discutir o tema da busca de TEILLARD da síntese entre o cristianismo e a ciência moderna, entre o novo humanismo decorrente do Cristo cósmico, alfa e ômega da história, síntese do movimento da matéria na direção do Espírito. O número da *Convivium* foi a primeira tentativa, no Brasil, de debater o pensamento de TEILLARD DE CHARDIN, publicando, ainda resenhas de livros a respeito publicados em língua portuguesa.⁽⁷⁾

O número especial – “O Pensamento de Vicente Ferreira da Silva” – é de maio-junho de 1972 (ano X, nº 3, v. 16).⁽⁸⁾ Sintomático que a edição comece com três textos inéditos de VICENTE: “Retrato do intelectual de direita”, “Diagnose do intelectual de esquerda” e “Um novo sentido da vida”,

todos incompletos e datados de 1963. VICENTE reafirma: “... a vida intelectual flui e se radica sempre numa concepção básica da vida e do cosmos, sendo alimentada e articulada pelas possibilidades virtuais dessa ambiência espiritual. Hoje em dia não se põe mais em dúvida a fundamentação filosófica de toda a atividade intelectual e os pressupostos axiológicos e metafísicos da atividade criadora. Portanto, sem sucumbir à alucinação dicotômica, não negamos a decorrência política do ‘ofício’ mental e a sua possível simbolização em termos de polaridade política”. Em outro passo, busca responder: “O que significa, no plano histórico-cultural, esta inflexão do pensamento brasileiro e as ideologias de esquerda? Qual o sentido desta afinidade eletiva do homem de letras nacional com a concepção materialista e positivista das coisas? O que condiciona esta especial experiência do mundo que se tornou norma do espírito brasileiro?”.

O número especial,⁽⁹⁾ dedicado a VICENTE FERREIRA DA SILVA, foi ocasião não apenas para lembrar um dos fundadores da revista, como também para reafirmar os propósitos em razão do qual fora fundada dez anos antes. CRIPPA escreve na apresentação: “... a todos nós causava a mais profunda indignação o quadro que se delineava no Brasil. A falsa ciência, a filosofia de platéia, a seriedade das máscaras, a festividade da sabedoria oficial, o triunfo da mediocridade, a demência dos responsáveis, o ridículo das encenações, a subserviência de quase todos, o logro dos ideais propostos, tudo isso nos deprimia profundamente. É preciso deixar bem claro, no entanto, que, se recusávamos este quadro deprimente do mais profundo do nosso ser e do nosso pensar, e se nos dispusemos ao combate, foi porque vislumbrávamos uma realidade muito mais profunda, que começava a desenhar-se além do sabido, no mundo pré-sentido, ou seja, no mundo daquela consciência que nos aproximava e identificava, apesar de todas as divergências que se diversificavam os mundos em que andavam os primeiros homens que criaram o Convívio e a revista *Convivium*”. Reiterava-se, então, a razão de ser da *Convivium*: no meio da confusão reinante, aumentada pelas análises superficiais e pelas soluções apressadas, distingue-se a razão fundamental da crise: o homem, seu sentido e seu valor. “Na grande luta que se trava no mundo, joga-se o destino do homem. Questões econômicas, técnicas e militares assumem sentido a partir de uma concepção de vida. As grandes opções: Ocidente-Oriente, cristianismo-comunismo, retratam duas diversas e opostas concepções de vida, duas filosofias, duas maneiras de ser. No fundo, é do homem, enquanto portador de valores, que se trata. Ou o homem é uma criatura racional, destinada a um fim transcendente, e que deve realizar na História uma vocação pessoal, de acordo com suas dimensões fundamentais – estética, ética e religiosa – ou o homem é uma peça sem outra importância que a de possibilitar o desenvolvimento maior da própria História, enquanto fim para si mesma”.

O número centrado em VICENTE FERREIRA DA SILVA expressa bem o significado da *Convivium* e o festeja como a maior vocação filosófica do Brasil, a mais autêntica e a mais original, sem prejuízo de suas raízes universais.⁽¹⁰⁾

A *Convivium* dedicada a JACQUES MARITAIN é de setembro-outubro de 1973 (ano XV, nº 5, v. 16), e o filósofo francês e tomista havia morrido naquele ano. Trata-se de um volume deveras revelador da linha adotada pela revista, pois exalta MARITAIN, tanto é que o homenageia, mas abre sobre ele um debate crítico e interessante, sobretudo do ponto de vista político. Presente como homem, filósofo cristão e tomista, MARITAIN esteve presente no cenário do pensamento humano na maior parte do século XX. Tomista não deixou discípulos, porque estes não seriam dele, mas do próprio Santo Tomas. Lamenta-se que tenha se deixado envolver por problemas cotidianos, mas exalta que o tenha feito à luz da metafísica. A revista *Convivium* – está dito na apresentação – “não aceita nem recusa as idéias de MARITAIN”. Curioso que nem todos enviaram as suas colaborações, não obstante convidados, lamentando-se a ausência de dois deles, imprescindíveis, justamente porque MARITAIN no Brasil exerceu uma influência mais no campo das idéias políticas do que nas filosóficas: ALCEU AMORORO LIMA e GUSTAVO CORÇÃO, dois pensadores católicos que participaram vivamente do clima espiritual suscitado entre nós pelo filósofo ali homenageado. A revista é preciosa. Contém no final uma bem cuidada bibliografia de MARITAIN e umas notas de UBIRATAN MACEDO sobre aquele tomista e a filosofia no Brasil, destacando-se os paradoxos e as oposições.⁽¹¹⁾ ALEXANDRE CORREIA (“Maritain e o Ateísmo Contemporâneo”) não o ataca, mas o utiliza para criticar muitos que nele, então, se refugiavam: “Tal – conclui ALEXANDRE CORREIA – o resumo das idéias de JACQUES MARITAIN sobre esse monstruoso fenômeno do ateísmo contemporâneo, verdadeiro desafio à cólera divina, que teria deixado estarecidos, se o houvessem conhecido, um Platão, um Sócrates, um Aristóteles, um Cícero, um Sêneca, mais ‘cristãos’ que muitos ‘católicos’ de nossos dias”. A crítica ficou mais no plano político, nos textos de LEONARDO VAN ACKER, “Maritain – um Depoimento”, e de CRIPPA, “A Possibilidade de um Acordo Prático entre os Homens”. As restrições, no entanto, se procedentes ou não, vêm atenuadas pela publicação de algumas páginas do próprio MARITAIN, extraídas de *Le Paysan de la Garonne*, nas três dimensões existenciais do autor, harmônicas e inseparáveis: filósofo e leigo.⁽¹²⁾

Em relação a GABRIEL MARCEL (1889-1973), a *Convivium*, menos de um ano após a sua morte, lamenta não ter sido possível elaborar um número especial como fizera em relação a MARITAIN, desaparecido um pouco antes daquele existencialista cristão. Presta-lhe, no entanto, uma homenagem em maio-junho 1974, ano XIII, nº 3, v. 17, publicando texto de HERALDO BARBUY sobre a posição de MARCEL no choque das idéias do mundo atual e

uma longa entrevista (“Conversações com o Filósofo Francês Gabriel Marcel”) extraída de uma revista americana.⁽¹³⁾

Um outro número, que poderíamos classificar como especial, desta feita para a filosofia do Brasil, é o de julho-agosto de 1982, ano XXI, v. 25, que publicou textos de GONÇALVES DE MAGALHÃES, com uma apresentação de ROQUE SPENCER MACIEL DE BARROS e estudos de AQUILES CÔRTEZ GUIMARÃES e de JOÃO CARLOS TEIXEIRA GOMES.

Como afirmamos, é possível identificar certas constantes ou permanências nos diversos números da *Convivium*, que desaguaram no programa editorial ou em outros projetos do Convívio como Sociedade Cultural.

Algumas dessas constantes e desses direcionamentos foram, além da doutrina social da Igreja, a filosofia cristã, o humanismo, a sacralidade da cultura, o desenvolvimento a colocação da filosofia no centro da Universidade, como defendia ORTEGA Y GASSET.

Assim, quanto à Universidade, foram publicados valiosos textos, provavelmente em face do debate sobre a reforma da Universidade.⁽¹⁴⁾

Em 1979 (março-abril), logo depois de dois números dedicados ao ensino da filosofia no Brasil, a *Convivium* publica, na seção Perspectivas e Debates, da lavra de ADOLPHO CRIPPA, ANTONIO PAIM, CREUSA CAPALBO, MIGUEL REALE, VAMIREH CHACON, VICENTE BARRETO, ANTONIO CARLOS DE MOURA CAMPOS, textos todos sobre a liberdade acadêmica, justamente em face de episódio ocorrido na PUC do Rio de Janeiro, quando uma professora teve censurado o seu programa de História das Idéias e um dos textos apresentados censurado pela direção. Prestou assim a *Convivium* um serviço relevante à Universidade, refletindo sobre o fato grave da censura ideológica por intermédio de patrulheiros ou agentes de interesses desconhecidos pela filosofia e recusados pela ciência. Sintomático que aquele número contra a censura abrisse com um artigo de ENZO AZZI sobre Psicopatologia e Liberdade.⁽¹⁵⁾

A *Convivium* 3/87 comemorou seus vinte e cinco anos de existência e publicou as respostas de seus colaboradores à indagação sobre o que mudara nos últimos 25 anos. Várias respostas versaram a respeito de educação e universidade, subscritas por ROQUE SPENCER MACIEL DE BARROS, CREUSA CAPALBO, CONSTANÇA MARCONDES CESAR, LEONIDAS HEGENBERG.⁽¹⁶⁾

No número 6/87, aparecem duas resenhas de livros editados pelo Convívio, que exemplificam, mais uma vez, como os trabalhos publicados pela revista faziam um certo paralelo com o movimento editorial daquela entidade: de ROQUE SPENCER MACIEL DE BARROS, *A Ilustração Brasileira e a Idéia de Universidade*, e o de LEONARDO PROTA, *Um Novo Modelo de Universidade*.

No tocante a essa convergência entre as publicações da revista e o movimento editorial e outras atividades do *Convívio*, o já referido trabalho de CRIPPA, “Humanismo e Desenvolvimento”, não somente nasceu de inúmeras publicações na revista, como também foi a causa e conseqüência dos cursos para o desenvolvimento⁽¹⁷⁾ que durante anos o *Convívio* ofereceu a estudantes e trabalhadores, não apenas em diversos níveis, como em vários estágios.

Para os cursos, foram preparados vários textos e oferecida variada bibliografia, justamente sobre o sentido humano do desenvolvimento, trazendo à baila o conflito entre os diversos humanismos, notadamente o do cristianismo e o do marxismo, sempre a teoria do desenvolvimento desdobrada em seus múltiplos aspectos: filosófico, político, social, econômico, educacional, tecnológico.

A *Convivium* foi pródiga nessa temática do humanismo e desenvolvimento. CRIPPA publicou sucessivos artigos sobre o tema.⁽¹⁸⁾

Aliás, nos quatro textos fundamentais por intermédio dos quais são sintetizadas as idéias da *Convivium* (a apresentação não assinada da revista no primeiro número, em maio de 1962; a do já citado número dedicado a VICENTE FERREIRA DA SILVA; “As idéias fundamentais do *Convívio*”, de julho-agosto de 1980 e a “Apresentação”, maio-junho de 1987, os três últimos assinados por ADOLPHO CRIPPA) essa preocupação com o humanismo e desenvolvimento está presente em uma linha bastante clara: “O desenvolvimento não será apenas uma questão de PIB e de renda *per capita*. O sentido humano de desenvolvimento deverá seguir-se a uma compreensão do desenvolvimento como uma perspectiva histórica constituída pela reflexão ocidental a partir da afirmação inicial da Revelação Cristã a respeito do Mundo, vinda do Antigo Testamento. Do gesto criador original ao ato do Juízo Final, faz-se a história humana. Uma história de salvação, sem dúvida, mas uma história que se desenvolve no tempo, tendo em vista a plena realização dos desígnios de Deus. Nesta perspectiva são colocados e discutidos os temas relativos à pessoa humana, à justiça, à democracia, à economia, à organização social”. E o homem se afirma como pessoa, imagem e semelhança de Deus, de onde surgem os conceitos com os quais passou a contar a civilização humana: o gênero humano, igualdade, fraternidade, liberdade, direitos individuais, democracia e outros.

Outra linha presente na *Convivium*, de onde emergiram os livros de CRIPPA, *Mito e Cultura* (1975), aprimoramento de sua tese *A sacralidade da Cultura* (1973), e “A Idéia de Cultura em Vicente Ferreira da Silva” (1984), está na problemática da própria visão cultural: “O homem, escreve CRIPPA, não é o autor da cultura. É feito por ela. A cultura é uma possibilidade de ser ficada a partir de uma determinada visão do mundo ofertada ao homem. O homem é uma realidade intracultural. Em conseqüência, as intuições da sua inteligência, as decisões de sua vontade, as percepções de sua sensibilidade serão sempre singularizadas pelas formas que se oferecem na abertura de um

mundo possível”. Essas concepções estão bem referidas e explicadas por UBIRATAN BORGES DE MACEDO no já citado *In Memoriam*. O tema vem logo no primeiro número da revista. O artigo de VICENTE FERREIRA DA SILVA é “A origem religiosa da cultura”.⁽¹⁹⁾ Ainda uma vez é ADOLPHO CRIPPA quem publica sucessivos artigos sobre o tema.⁽²⁰⁾ Em 1987, faz o elogio de MIRCEA ELIADE, que havia falecido no ano anterior: o maior e mais sensível historiador das religiões percebera que a história das religiões e dos mitos é a história da vida real e dos povos.⁽²¹⁾

Muitas outras linhas poderiam ser exploradas nos trinta e dois anos de existência da revista *Convivium*, 185 números publicados. Haveria, ainda, muito espaço para o tomismo,⁽²²⁾ a filosofia da ciência, a filosofia do Brasil, a discussão crítica do marxismo, a lembrança de textos de GUSDORF, de BASAVE DEL VALLE, de JULIAN MARÍAS, de MIGUEL REALE, de FRANCISCO ELIAS DE TEJADA, JEAL LADRIÈRE, RAYMOND ARON, LUIGI BAGOLINI, JEAN-YVES CALVEZ, CARLOS COSSIO, JEAN DANIÈLOU, ROMANO GUARDINI, KARL JASPERS, FRITZ VON RINTELEN, GEORGE USCATESCU, GIORGIO DEL VECCHIO, para não falar das inúmeras resenhas publicadas.

Tantos autores ilustres, para não ficar somente no campo filosófico, embora quase todos, mesmo os não filósofos, de vez em quando também trouxeram a sua colaboração com reflexões ou notícias filosóficas.⁽²³⁾

Passar os olhos pelos números publicados em trinta e dois anos é descobrir um mundo importante de registros de toda a ordem, além de provocar emoção também pela lembrança dos que já partiram. No número em que se comemoram os 25 anos, e isso se deu em 1987, portanto há quinze anos, foram lembrados JOSÉ LUIZ NOGUEIRA PORTO (1915-1963), VICENTE FERREIRA DA SILVA (1916-1963), EFRAIM TOMÁS BÓ (1917-1978), EDUARDO PRADO DE MENDONÇA (1924-1978), HERALDO BARBUY (1913-1979), JOSÉ FRANCISCO COELHO (1917-1981), ALEXANDRE CORREIA (1890-1984), AUGUSTO MOJOLA (1926-1985), LEONARDO VAN ACKER (1896-1986), NICOLAS BOER (1914-1987).

De lá até esta data muitos outros colaboradores devem ter desaparecido e, afinal, todos desaparecerão um dia, mas a coleção da *Convivium* permanecerá, sendo que a presente comunicação é tão-somente um registro de sua colaboração para a filosofia no Brasil.

NOTAS

(1) Para compreender a *Convivium* é mister uma referência explícita a CRIPPA e a VICENTE FERREIRA DA SILVA, o qual, mesmo após a morte, continuou a exercer certa influência tanto em relação ao primeiro, como na própria revista. CRIPPA nasceu no Rio Grande do Sul, formou-se em Filosofia em São Paulo e licenciou-se em Teologia pela Universidade de Gregoriana de Roma, havendo freqüentado os cursos da Academia Romana de Santo Tomás de Aquino, onde foi aluno de CHARLES BOYER S. J. e de R. GARRIGOU-

LAGRANGE O. P. (anote-se – e isso pode ajudar à compreensão das idéias do fundador do Convívio – que esse dominicano foi o orientador de uma das teses de doutorado (1948) do então KAROL WOJTYLA, “A doutrina da fé em San Juan de la Cruz” (cf. a outra tese, em filosofia, do futuro Papa, “Max Scheler e a Ética Cristã”, na qual, na edição brasileira, GRD, 1993, trad. Diva Toledo Pisa, há nota sobre o pensamento de WOJTYLA, assinada por UBIRATAN DE MACEDO). REALE situa o pensamento de CRIPPA no tomismo, sem ser propriamente um neoclássico, insistindo nas origens desenvolvimentistas em oposição às visões regressivas e anti-históricas dos antigos. O cristianismo teria instaurado um tempo de salvação voltado para o futuro. A contribuição mais original de CRIPPA situar-se-ia, contudo, na filosofia da cultura, na linha de SCHELLING, FROBENIUS, SCHELER e VICENTE FERREIRA DA SILVA. A cultura seria uma realidade anterior à ação intelectual e volitiva do homem. Na consciência humana, haveria formas e protoformas decisivas que interferem nas significações e nos valores. Nessa perspectiva, o homem, agente espiritual e criador de cultura é consequência de um projeto natural. A cultura seria uma possibilidade radical, a partir da qual se põe o homem como consciência e como liberdade criadora. (cf. verbete subscrito por REALE, na *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Lisboa-São Paulo, Editorial Verbo, 1989). VICENTE FERREIRA DA SILVA evoluiu em três etapas o seu pensamento. Cuidou, primeiro, da lógica matemática, depois voltou-se para a compreensão do significado pleno da existência humana e, finalmente, para uma compreensão poético-religiosa da história e do cosmos. A partir de *Idéias para um novo conceito do homem* (1951), VICENTE FERREIRA DA SILVA concebe a filosofia como uma filosofia da religião e mitologia, à qual corresponde um novo humanismo, teocêntrico e teogônico com inúmeras e interessantes consequências. O Instituto Brasileiro de Filosofia publicou as obras completas de VICENTE FERREIRA DA SILVA em 2 volumes, com prefácio de MIGUEL REALE, em 1964 e 1966. Uma síntese admirável de seu pensamento está no verbete redigido por REALE para a mencionada *Enciclopédia Logos*. VICENTE adota uma posição anti-historicista, visando a uma nova visão da história e da gênese do conhecimento, cujo processo deve estar na abertura ao ser e não na manipulação dos entes. Pretende salvar, assim, o Ocidente. Recusa o antropocentrismo. Derivando de SCHELLING vê a consciência como determinada por forças teogônicas e com HEIDEGGER fortalece-se na tese da causalidade primordial do fato religioso na configuração do orbe cultural.

(2) Cf. *Revista Brasileira de Filosofia*, v. L, Fasc. 198, abr./maio/jun. 2000 e UBIRAYAN BORGES DE MACEDO, *A Presença da Moral na Cultura Brasileira. Ensaio de ética e história das idéias no Brasil*, Londrina, Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.

(3) Cf. *Índice da Revista Convivium; 1962-1987*, Salvador, Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, 1989.

(4) *Pacem in Terris* (1963), *Gaudium et Spes* (1965), *Populorum Progressio* (1967), *Octogesima Adveniens* (1971), *Redemptor Hominis* (1979), *Dives in Misericordia* (1980), *Laborem Exercens* (1981), *Slavorum Apostoli* (1985), *Sollicitudo Rei Socialis* (1987), *Centesimus Annus* (1991), o *Catecismo da Igreja Católica* (1992). Já sem repercussão direta na revista, não mais publicada, as encíclicas *Evangelium Vitae* (1995), a *Veritatis Splendor* (1993) e a *Fides et Ratio* (1998).

(5) DOMINGOS (ADOLPHO) CRIPPA sempre assumiu a sua fé cristã e a dispensa de seus votos sacerdotais não abalou a sua religião. Em um cartão de natal, escreveu de próprio punho uma mensagem indubitosa pelo seu conteúdo religioso, que merece transcrita: “O mistério do nascimento de Jesus de Nazaré é a invisível presença de Deus na visível e frágil forma humana. Este mistério cristão ilumina a realidade que somos todos nós. O homem ultrapassa

infinitamente o humano. Nele Deus está presente como consistência, vida, movimento, amor e esperança. Por outro lado, é a da inteligência deste mistério que devem nascer todos os programas de educação e transformação dos homens. Com esta certeza, enviamos votos de felicidade para o Natal e Novo Ano a todos aqueles que, ao longo do ano de 1976, como mestres, colaboradores, funcionários, amigos e alunos participaram dos programas do Convívio”. Na expressiva dedicatória do “A idéia de Cultura em Vicente Ferreira da Silva”: “A minha mãe, cuja vida transfigurou-se em imortalidade quando a redação desta tese chegava ao fim”.

(6) Cf. UBIRATAN MACEDO. *In Memoriam de Adolpho Crippa*, cit.

(7) Foram as resenhas de PETER SMULDERS, *A Visão de Teilhard de Chardin*, Petrópolis, Vozes, 1965, por LUIZ FERACINE; CLAUDE TRESMONTANT, *Introdução ao Pensamento de Teilhard de Chardin*, Lisboa, Livraria Moraes, 1961, também por LUIZ FERACINE; e PAUL CHAUCHARD, *O Homem em Teilhard de Chardin*, São Paulo, Herder, 1963, por DOMINGOS CRIPPA. Os artigos vieram assinados por DOMINGOS CRIPPA, FRANCISCO LEPARGNEUR, JOSÉ TARCÍSIO LEAL, FRANCISCO AGRETTI AQUINO e LAURA ALMEIDA SAMPAIO.

(8) As datas são importantes: VICENTE FERREIRA DA SILVA faleceu em 1963, os dois volumes de suas *Obras Completas*, editados pelo Instituto Brasileiro de Filosofia, saíram em 1964 e 1966, o número especial da *Convivium* é de 1972, enquanto o livro de ADOLPHO CRIPPA, *A Idéia de Cultura em Vicente Ferreira da Silva*, foi editado em 1984.

(9) Já a *Convivium* de set. 973m ano II, nº 7, v. 3, havia estampado em seu pórtico comovente nota sobre o desaparecimento do filósofo.

(10) O número dedicado a VICENTE é rico, com valiosos trabalhos de JULIÁN MARÍAS, DORA FERREIRA DA SILVA, MILTON VARGAS, ERNESTO GRASSI, HERALDO BARBUY, EFRAIM TOMÁS BÓ, ADOLPHO CRIPPA, AGOSTINHO DA SILVA, LUIGI BAGOLINI, GILBERTO DE MELLO KUJAWSKI, JOSÉ FRANCISCO COELHO, DIVA RIBEIRO DE TOLEDO PIZA, VILÉM FLUSSER, JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO, EURYALO CANNABRAVA, ROSA MENDONÇA DE BRITO, em jan./jun. 1990, ano XXIX, v. 33, nº 1, publica “A influência da fenomenologia na ‘Dialética das Consciências’, de Vicente Ferreira da Silva”.

(11) Os trabalhos, todos de alto nível: “Filosofia e Vida em Jacques Maritain”, de OCTÁVIO N. DERISI; “Continuidade e Descontinuidade no Pensamento de J. Maritain”, de HUBERT LEPARGNEUR; “A Filosofia Jurídica e Política de Jacques Maritain”, de AGUSTÍN BASAVE DEL VALLE; “Maritain e a Significação do Ateísmo contemporâneo”, de GERARDO DANTAS BARRETO: “Matirain e os Rumos da Educação”, de NELLY NOVAES COELHO.

(12) Em maio/jun. 1978, ano XVII, v. 21, a revista publica texto de CREUSA CAPALBO intitulado “A influência de Jacques Maritain no Pensamento Filosófico Brasileiro”.

(13) Em jan./fev. 1988, ano XXVII, v. 31, nº 1, sai artigo de LUIZ CARLOS LÜCKMANN, “Gabriel Marcel e a crítica ao saber objetivo”. E, em maio/jun. 1989, ANO XXVIII, v. 32, nº 3, FERNANDO ARRUDA CAMPOS faz a resenha do livro de URBANO ZILLES, *Gabriel Marcel e o Existencialismo* (Porto Alegre, 1988).

(14) Assim, foram publicados “O Problema da Universidade”, de GUILHERME BRAGA DA CRUZ (março de 1963), que dá início à série; “O sentido das Universidades na Idade Média”, de FRANÇOIS JOSEPH

THONARD (maio de 1963); “Os inícios da Universidade de Paris”, de JEAN GAUDEMET (outubro de 1963); “Publicações Universitárias”, de LEÔNIDAS HEGENBERG (março de 1964); “A Reforma Universitária e o Desenvolvimento Nacional”, de MIGUEL SCHOOYANS (setembro de 1964); “A Universidade e a realidade brasileira”, de JOÃO CAMILO DE OLIVEIRA TÔRRES (outubro de 1964); “Universidades católicas. Luzes e sombras”, de HERNÁN LARRAIN ACUNA (novembro de 1964); “A vida universitária e o novo humanismo”, de EDUARDO PRADO DE MENDONÇA (jul./ago. 1966); “O problema da Universidade”, de ACOLPHO CRIPPA (nov./dez. 1966); “Humanitas e Universidade”, de FRITZ J. VON RINTELEN (abril de 1966); “A ilusão da Universidade”, de ADOLPHO CRIPPA (mar./abr. 1967), decorrência de um documento da CELAM sobre a missão da Universidade Católica na América Latina; e, ainda, como um desdobramento do último, “O ensino superior no Brasil”, de ADOLPHO CRIPPA (jul./ago. 1967); “A nova idéia de Universidade”, de ADOLPHO CRIPPA, aparece em dois números seguidos, jan./fev. e mar./abr. 1969; “A Reforma da Universidade”, de KARL JASPERS (maio/jun. 1968); “Universidade Democrática”, de MIGUEL REALE (jul./ago. 1968) e no mesmo número “A tarefa estética na formação universitária das futuras gerações”, de ROMANO GALEFFI; em set./out. 1969, OGENI LUIZ DAL CIN faz uma importante resenha do livro de JOSÉ ANTONIO TOBIAS, “Universidade, Humanismo ou Técnica?”; “Crise da Universidade e crise de valores”, de GEORGES GUSDORF (maio/jun. 1975); “Modelos e Inspirações da Universidade”, de RUY AFONSO DA COSTA NUNES (set./out. 1978).

(15) Continuando a publicação de textos sobre Universidade e Filosofia, a *Convivium* ainda prossegue. Em set./out. 1979, sai artigo de CREUSA CAPALBO a respeito do ensino de filosofia para as Universidades Católicas. No nº 5, de 1980, sai um texto do cônego JOSÉ GERALDO VIDIGAL DE CARVALHO, “A Universidade à luz da Filosofia Cristã”. No nº 4/81, FERNANDO ARRUDA CAMPOS subscreve resenha de um livro de ANTONIO PAIM sobre A UDF e a idéia de Universidade. “Universidade aberta: nova instância cultural” é o comentário de RICARDO VÉLEZ RODRIGUES publicado na *Convivium* nº 3/83. No número seguinte, saem de CREUSA CAPALBO “Reestruturação da Universidade Brasileira” e de ANTONIO PAIM um “Balanço da pós-graduação em Filosofia (1969/1982)” e ainda dele próprio, no nº 5/83, uma resenha do livro de PAULO ELPÍDIO DE MENEZES NETO, *Universidade – ação e reflexão*, de 1963). Em 1984, o nº 4 traz dois artigos ligados ao tema da Universidade: “Universidade Brasileira e Universidade Francesa: em busca da reestruturação, de CREUSA CAPALBO e “O ensino superior numa encruzilhada: democratização ou elitização”, de NELLY NOVAES COELHO. Em 1985, o nº 5 estampa texto de MIGUEL REALE sobre “A Reforma Universitária Alemã” e outro de FÁTIMA CUNHA FERREIRA PINTO, “O germanismo pedagógico – influência na Universidade Brasileira”. “O descrédito da Universidade” é título de artigo de AQUILES CORTÊS GUIMARÃES, no nº 6/86. Em 1987, ANTONIO PAIM publica no nº 2 “Estudos recentes do pensamento político, da Filosofia do Direito e da Filosofia da Educação”.

(16) Ainda em 1987, CREUSA CAPALBO comenta no nº 6: “Reflexões sobre o ensino de filosofia nas Universidades Católicas após o Concílio Vaticano II”. Em 88, a nº 5 publica “Universidade Brasileira e Direito Romano”, de RONALDO POLETTI e, em 89, a nº 3 estampa, bem a propósito, de ANA MARIA MOOG RODRIGUES, “Papel da Filosofia na Universidade: uma proposta”.

(17) Dos cursos para o desenvolvimento surgiram as publicações denominadas “Cadernos do Desenvolvimento”, dentre outros as de MIGUEL REALE, “Democracia e Revolução” (1969); de MARIO TRINDADE, “Demografia e

Desenvolvimento” (1970); de OLIVEIROS S. FERREIRA, “A Sociedade Civil e o Poder Constitucional” (1969); de SUZANA GONÇALVES, “Educação e Desenvolvimento” (1969).

(18) “O humanismo marxista” (julho 1962); “Reflexões em torno da idéia de desenvolvimento” (nov./fez. 1969 e mar./abr. 1970); “As origens cristãs da idéia de desenvolvimento” (maio/jun. 1970); “O valor do desenvolvimento” (jan./fev. 1971); “A crise do desenvolvimento e o dilema da consciência ocidental” (nov./dez. 1976).

(19) A editora Convívio publicou em 1980 o livro de GEORGES GUSDORF, *Mito e metafísica*, trad. de HUGO DE PRIMIO PAZ. O texto original em francês é de 1953.

(20) “O Vaticano II e o problema da cultura” (1971); “A presença cultural do cristianismo” (nov./dez. 1971 e jan./fev. 1972); “Cultura e transcendência” (1973); “Mito e Existência”, “Mito e Sabedoria” (1975) e “Mundo da Cultura”, todos os números de 1975; “O conceito de cultura em Tobias Barreto” (1982); “A cultura no Brasil: uma possibilidade de definição” (1983).

(21) Cf. ADOLPHO CRIPPA, O Mundos dos Primeiros, *Convívium*, 1/87, jan. fev. 1987, ano XXI, v. 30, nº 1.

(22) Quanto ao tomismo, destaquem-se os textos de FERNANDO ARRUDA CAMPOS: “A consciência histórica como categoria da base para a reelaboração do pensamento no mundo de hoje” (1974); “A reelaboração do tomismo, na obra filosófica de Regis Jolivet” (1975); “O tomismo no mundo contemporâneo” (1979); “O tomismo de André Marc” (1982); “O tomismo de Edith Stein: um diálogo com a fenomenologia de Husserl 1891-1942” (1982); “Tomismo contemporâneo na Europa” (1983); “Posição do tomismo na história do pensamento filosófico” (1988).

(23) Como sempre, corre-se o risco de injustiça por alguma omissão; em todo caso, são lembradas pelas suas relevantes contribuições filosóficas na *Convívium*, se é que ainda não foram citados: GILBERTO DE MELLO KUJAWSKI, FRANÇOIS LEPARGNEUR, PAULO EDMUR DE SOUZA QUEIROZ, JOSÉ LOURENÇO DE ARAGÃO, JOSÉ LUIZ ARCHANJO, WITOLD BALINSKI, GILDÁ NAECIA MACIEL DE BARROS, HEINRICH BECK, ALFREDO AUGUSTO BECKER, YULO BRANDÃO, FERNANDO ARRUDA CAMPOS, EURYALO CANNABRAVA, AGOSTINHO CANTONI, GERALDO BARBVOSA DE CARVALHO, JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO, JOSÉ GERALDO VIDIGAL DE CARVALHO, MARIO LEONIDAS CASANOVA, ALBERTO CATURELLI, CONSTANÇA MARCONDEZ CESAR, VAMIREH CHACON, MARIO CHAMIE, ANTÔNIO BRITO DA CUNHA, LUIZ FERACINE, TITO LÍVIO FERREIRA, VILÉM FLUSSER, GILBERTO FREYRE, ROMANO GALEFFI, NELSON GOMES, AQUILES CORTES GUIMARÃES, LEONIDAS HEGENBERG, CLARICE DA CUNHA IBIAPINA, HILTON JAPIASSÚ, DORVALINO KOCCH, ALFREDO LAGE, MAURO ÂNGELO LENZI, NICANOR URZUÁ LEZAUN, SÍLVIO MACEDO, UBIRATAN BORGES DE MACEDO, REJANE MACHADO, MACHADO NETO, REZENDE MARTINS, CARLOS LOPES DE MATTOS, MÁRIO VIEIRA DE MELLO, DJACIR MENEZES, GERALDO BEZERRA DE MENEZES, JOSÉ RAFAEL MENEZES, JOÃO PAULO MONTEIRO, ODILÃO MOURA, JOEL NEVES, ELAINE CECÍLIA NINER, UBIRAJARA DE OGGERO, CONSTANTINO OLGIN, TARCÍSIO MEIRELLES PADILHA, ANTONIO PAIM, MACHADO PAUPÉRIO, HUGO DI PRIMIO PAZ, LUÍS ALBERTO PELUSO, MEIRA PENNA, JOSÉ ROBERTO WHITAKER PENTEADO, CELESTINO PIRES, DIVA RIBEIRO DE TOLEDO PIZA, SÁ PORTO, EUGENIO PUCCIARELLI, ISMAEL QUILES, WALTER REHFELD, JOÃO RIBEIRO JUNIOR, RICARDO VELEZ RODRIGUEZ, SUSANA ROSSI, NELSON SALDANHA, NELSON LEHMAN, K.

SOVAI, EDUARDO ABRANCHES DE SOVERAL, FRANCISCO TORGA, URBANO ZILLES, JOSÉ ARTHUR RIOS, JOÃO BOSCO BATISTA, JOSÉ JAPPUR, RITA JOSÉLIA DA CAPELA, BEATRIZ HELENA DOMINGUES BITARELLO, ROSA MENDONÇA DE BRITO.

Observação:

O texto transcrito corresponde a comunicação apresentada no VII Congresso Brasileiro de Filosofia (João Pessoa/Paraíba, 18 a 23 de agosto de 2002).

(Transcrito de *Notícia do Direito Brasileiro*. Brasília, UnB, Nova Série, nº 10; 2004, p. 151-162).

ANEXO

ADOLPHO CRIPPA (1929-2000)**RONALDO REBELLO DE BRITTO POLETTI**

Em artigo intitulado *Fides et Ratio*⁽¹⁾, cometi grave injustiça, contra a minha vontade. Em certo momento do texto me referi à CONVÍVIO – Sociedade Brasileira de Cultura e sua Revista *Convivium*, onde publiquei inúmeros artigos. No entanto, apareceu somente o nome de Vicente Ferreira da Silva (1916-1963), um dos maiores talentos filosóficos brasileiros do século XX e fundador daquela entidade, desaparecendo o nome de Adolpho Crippa, que, além de fundá-la, por mais de três décadas esteve à frente de todos os projetos do grupo, deixando-nos, ainda, uma obra filosófica de inegáveis méritos.

Crippa mereceu um verbete, subscrito por Miguel Reale, na LOGOS – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia.⁽²⁾ Sua trajetória foi brilhante. Formou-se em Filosofia e licenciou-se em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Frequentou a Academia Romana de Santo Tomás de Aquino, onde foi aluno de Charles Boyer e de Garrigou-Lagrange. Professor Titular de Filosofia Geral e Ética na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1960), sucedeu a Leonardo Van Acker. Membro do Instituto Brasileiro de Filosofia e da Sociedade dos Filósofos Católicos, aderiu ao tomismo sem ter sido um neoescolástico, e esteve aberto ao pensamento contemporâneo na busca de um diálogo construtivo, conservando a autenticidade da filosofia cristã. Insistiu, desde sempre, na origem religiosa da cultura e na relação ente a teoria do desenvolvimento e o cristianismo. Procurou explicitar a problemática da cultura, enquanto realidade anterior à ação intelectual e volitiva do homem. No interior da consciência, haveria formas e protoformas decisivas que interferem nas significações e nos valores por ela assumidos. O homem, enquanto agente espiritual e criador de cultura seria, ele próprio, conseqüência de um projeto natural. A cultura seria uma possibilidade radical, a partir da qual se põe o homem como consciência e como liberdade criadora.

O melhor resumo sobre a vida e a obra de Adolpho Crippa foi escrito, em sua memória, por Ubiratan Borges de Macedo.⁽³⁾

Dentre as inúmeras possibilidades de aproximarmos do trabalho de Crippa, optei em texto publicado em *Notícia do Direito Brasileiro*⁽⁴⁾, por uma

resenha da *Convivium*, apenas no tocante aos assuntos filosóficos veiculados durante os 31 anos (1962-1993) de sua existência. Em quase todos os números, Crippa compareceu com valiosos estudos filosóficos e políticos, abordando sempre questões da ordem do dia sobre pensadores contemporâneos, livros publicados, encíclicas papais, universidade e cultura.

A CONVÍVIO – Sociedade Brasileira de Cultura, sob a direção de Adolpho Crippa, desenvolveu outras atividades, como a edição de livros e a realização de cursos, por intermédio do Centro de Estudos e Desenvolvimento; organizou e pôs em funcionamento a Agência de Notícias Planalto, sob a responsabilidade de Gumercindo Rocha Dórea, com ampla penetração na imprensa brasileira; patrocinou encontros de intelectuais para a discussão de temas, publicando o resultado dos debates e das participações, como *As Idéias Filosóficas no Brasil*, três volumes (1978), *As Idéias Políticas no Brasil*, dois volumes (1979) e *A Filosofia e o Ensino da Filosofia* (1979). De 1983 a 1990, editou a Revista *Política e Desenvolvimento*, consagrada a relações internacionais. Publicou livros de Amoroso Costa, Leonardo Van Acker, Alexandre Augusto de Castro Corrêa, Roque Spencer Maciel de Barros, Antonio Paim, Nelson Nogueira Saldanha, Agustín Basave Fernández del Valle, Eduardo Prado de Mendonça, Ubiratam Macedo, Georges Gusdorf, Jean Ladrière, Heraldo Barbuy, Luigi Zampetti, Manoel Gonçalves Filho, Miguel Reale, Meira Penna e Odilão Moura.

Os livros de autoria de Crippa, todos eles de alto nível sob o prisma filosófico e político, revelam bem o seu valor intelectual: *O Princípio da Individuação em Santo Tomás de Aquino, Mito e Cultura, A Idéia de Cultura em Vicente Ferreira da Silva, O Problema da Universidade, Introdução à Filosofia – Sinopse, Problemas Filosóficos e Humanismo e Desenvolvimento*.⁽⁵⁾

Muito se poderá, ainda, escrever sobre a figura e a obra de Adolpho Crippa, que foi um gigante na luta entre o pensamento filosófico do cristianismo e a *vulgata* do materialismo, gerador do totalitarismo e da diminuição do homem.

NOTAS

(1) Revista *Prática Jurídica*, Ano XI, nº 95, fevereiro de 2010.

(2) Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1989.

(3) Publicado na *Revista Brasileira de Filosofia*, do Instituto Brasileiro de Filosofia. v. L, fasc. 198, abr.-maio-jun./2000.

(4) Revista da Faculdade de Direito da UnB. Nova Série, nº 10, 2204, p. 151-162.

(5) Obra divulgada em restrita edição *xerox*, após premiação pelo Governo de São Paulo, a que o perfeccionismo do autor impediu a publicação.

RONALDO REBELLO DE BRITO POLETTI é Advogado, Professor Doutor da Universidade de Brasília (UnB) e Presidente da União dos Romanistas Brasileiros (URBS). Procurador de Justiça do Estado de São Paulo (aposentado) e ex-Consultor-Geral da República.

(Transcrito da *Revista Jurídica Consulex*, Ano XIV, nº 334, 15 de dezembro/2010).